

COMO VIM PARAR AQUI? PERCURSOS E TRAJETÓRIAS DE DOCENTES NEGROS DA UFPEL

TAINÁ MELO SILVEIRA¹; MADALENA KLEIN²

¹Universidade Federal de Pelotas – tainamelosilveira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – kleinmada@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho expõe uma análise preliminar de parte dos dados coletados a partir da pesquisa “Docências Negras na Universidade Federal de Pelotas: um estudo de caso”, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e inserida na linha de pesquisa Epistemologias Descoloniais, Educação Transgressora e Práticas de Transformação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPEL). O projeto supracitado investiga as relações entre identidade étnico-racial, de gênero e de identidade docente com base em relatos de docentes negros/as sobre sua trajetória e docência na UFPEL.

Esta instituição é tomada, na pesquisa, como uma possibilidade para a realização de um estudo de caso único, que pode permitir novas reflexões e significados para as experiências e vivências dos/as docentes negros/as no Ensino Superior. Isto se deve pelo contexto histórico e cultural da cidade de Pelotas que se constituiu economicamente através da instituição da escravidão, pautada nas Charqueadas. Este passado histórico, que hoje constitui socialmente o espaço da cidade, contribui para tornar este lugar da UFPEL tão singular para pensar a docência negra. Posto isso, este recorte da pesquisa pretende analisar, preliminarmente, a partir dos relatos de dois docentes negros da UFPEL¹, quais experiências em suas trajetórias pessoais e profissionais poderiam ser apontadas como expressivas para seu ingresso na docência enquanto professor/a do magistério superior.

2. METODOLOGIA

Para este trabalho, é dedicada, especificamente, a análise do conteúdo das entrevistas realizadas com dois dos docentes, para identificar elementos discursivos que permitam estabelecer uma relação entre experiências em suas trajetórias pessoais e profissionais, e seu ingresso na docência. A análise ocorreu em dois momentos. Primeiramente, as entrevistas passaram por um processo de transcrição, e posteriormente pelo procedimento de análise. O estudo de caráter qualitativo compreende que os sujeitos que participam da pesquisa são “pessoas em determinadas condições sociais, pertencentes a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados” (MINAYO, 1993, p.22).

Nesta perspectiva, a entrevista pode configurar-se enquanto ferramenta que ofereça maior liberdade aos entrevistados. Segundo Selltiz (1997), a entrevista é um modo de se coletar dados que possibilita a “obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem

¹ O universo da pesquisa é composto por seis sujeitos, homens e mulheres, distribuídos em diferentes Unidades acadêmicas, levando-se em conta as áreas do conhecimento constantes nos Colégios de acordo com a classificação da Capes (Ciências da Vida, Humanidades e Ciências Exatas, Tecnológicas e multidisciplinar).

ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”. (SELLTIZ, 199, p.86)

Para realização das entrevistas utilizou-se um tópico guia (GASKELL, 2003) que constitui um roteiro que orienta o procedimento, indicando algumas perguntas geradoras, embora destaque-se o caráter de flexibilidade do modelo de entrevista e de diálogo com o/a interlocutor/a. As perguntas, nesse sentido, longe de incentivarem a respostas objetivas ou categóricas, devem estimular o/a interlocutor/a a descrever situações, dizer mais sobre determinados assuntos e contextualizar acontecimentos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vive-se em uma sociedade marcada pela desigualdade social entre brancos/as e negros/as que é sustentada também pelo preconceito racial. Os estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) demonstram que a situação de desigualdade de renda e taxas de escolarização se perpetua entre brancos/as e negros/as em todos os estados do país. De acordo com o Ipea, no que se refere à escolarização, as desigualdades entre brancos/as e negros/as estão relacionadas a múltiplos fatores, tais como renda familiar e acesso a bens públicos. “As consequências de maior envergadura para a população negra se traduzem, entre outros fatores, em menor frequência escolar com impacto na qualidade da educação recebida e nas condições de vida desta população (IPEA, 2015)”.

Segundo os microdados do Censo da Educação Superior de 2017, o contingente de docentes no Ensino Superior no Brasil se aproxima de 400.000 professores/as que lecionam em universidades públicas e particulares, mas que apenas 62.239 deles/as, isto é, 16% do total, autodeclararam-se pretos/as e pardos/as (negros/as)².

A representatividade dessa parcela da população entre os/as professores/as universitários/as cresceu nos últimos anos, porém de forma modesta: em 2010, os/as negros/as correspondiam a 11,5% das vagas de docentes do Ensino Superior. Os dados mostram ainda que, além de continuarem sendo uma minoria entre o total de docentes, os/as negro/as veem a representatividade racial cair conforme o aumento do grau de escolaridade. O número de professores/as com mestrado subiu de 85.655 para 115.869, sendo que neste recorte os/as negros/as passaram de 20% para 23%. Entre os/as professores/as com doutorado, o número absoluto aumentou de 53.006 para 100.354, com a parcela representativa dos/as negros/as crescendo de 11,4% para 17,6%.

Conforme os dados agregados junto à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), a UFPel possui 79 professores/as que se autodeclararam negros/as. O número representa aproximadamente 5,4% do total de docentes da instituição. Contudo, para estabelecer um critério de pertença étnico-racial mais apropriado, deve-se utilizar simultaneamente o processo de autoidentificação racial e de heteroidentificação³, uma vez que a identidade constitui-se em um processo

² Para a pesquisa, adotou-se a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quanto às categorias de identificação racial: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Neste sentido, a categoria “negro” foi adotada paralelamente à definição utilizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que considera cidadão/ãs autodeclarados/as pretos/as e pardos/as como negros/as.

³ Por essa razão, não basta um/a professor/a autodeclarar-se negro/a para ele/a ser identificado/a como negro/a, assim como não basta que um/a pesquisador/a classifique um/a professor/a como

dialógico (TAYLOR, 2011). A partir deste critério de identificação, a UFPel possuiria 25 docentes negros/as, totalizando 1,7% do número de docentes do quadro de professores/as da instituição. Portanto, salienta-se a importância de aprofundar as discussões a respeito das docências negras no Ensino Superior visto que a universidade brasileira se apresenta como espaço privilegiado das elites econômicas e culturais desde sua formação. (CARVALHO, 2006)

Nesse sentido, dada a condição social vivenciada pela população negra - a partir da retroalimentação do racismo estrutural que barra os processos de mobilidade social desses sujeitos - pode-se inferir, a partir dos relatos dos entrevistados, que uma das circunstâncias da pouca representatividade de docentes negros na universidade pode estar relacionada à sua proveniência:

[...] A minha origem é de um bairro muito pobre, então assim, muitos amigos, amigos de infância envolvidos com o tráfico e a violência. Perdi muitos amigos assassinados, mas ao mesmo tempo tive ao meu lado pessoas que não eram da minha família, que sempre me guiaram por um caminho mais adequado. Quando eu estava na graduação, muitas vezes não tinha dinheiro para pagar a passagem para ir na aula, pensava em desistir para poder trabalhar e seguir a vida, e ao mesmo tempo chegava um colega e dizia eu te empresto o dinheiro, eu te ajudo nisso. São pessoas que até hoje sou especialmente grato. Inclusive o próprio racismo institucional é um empecilho, quando somos mais jovens não nos damos conta, mas com o tempo aprendemos a nos posicionar, todas essas situações marcam a trajetória acadêmica. (PROFESSOR 1)

[...] A trajetória até chegar à universidade é bastante complexa, a gente de periferia encontra mais empecilhos, eu fiz três cursos técnicos até chegar à universidade, ela sempre foi colocada como algo muito distante dessa realidade, principalmente na minha época. Entre os nove filhos que somos eu fui o único que encarei o curso superior, eu tinha não sei porque a perspectiva de estudar, mas não tinha noção do que era a universidade, um curso superior, mas queria estudar. No Ensino Médio, por exemplo, fiz meu primeiro curso técnico e achei que já estava habilitado para o mercado, foi minha primeira rejeição em termos de trabalho; me lembro de que em uma destas ocasiões entreguei o currículo e o "cara" rasgou ele na minha frente dizendo que aquele currículo não valia nada, que eu não tinha experiência, mas no comunicado no jornal não pedia experiência. Foi um dos meus primeiros problemas, foi racismo. Quando eu entrei na universidade com 21 anos, até então eu trabalhava, minha ideia era estudar de dia - o curso era integral - e fazer bico de noite, com garçom por exemplo, mas daí percebi que existiam outras oportunidades, tinham bolsas na Universidade, então eu sempre fui atrás delas [...]. (PROFESSOR 2)

Os relatos acima indicam que o sistema educacional não é isento do que acontece na sociedade como um todo. Se uma sociedade é racista, este padrão se refletirá no seu sistema educacional. A educação não é um campo neutro separado da sociedade como um todo. A cultura e os padrões dentro do sistema educacional refletem essa sociedade. (GIDDENS; SUTTON, 2016)

4. CONCLUSÕES

Pode-se inferir, a partir dos relatos dos docentes até o momento entrevistados, que estes são oriundos de um contexto aparentemente carente de

negro/a para ele/a ser identificado/a desta forma. É necessário que esse/a docente se autodeclare negro/a e, que seja identificado/a socialmente como negro/a.

capital econômico (determinado pelas relações materiais e/ou econômicas - salário, renda familiar) e sociais (incorporadas pelos indivíduos e transmitidas a eles, principalmente, por suas famílias e/ou no ambiente familiar, assim como por meio da educação formal, por meio de títulos acadêmicos) (BOURDIEU, 1992; 1998).

Desta forma, levanta-se a hipótese de que a educação formal é um dos poucos meios que possibilitaria, no imaginário dos sujeitos entrevistados, ascenderem socialmente. Esta ideia foi bastante difundida pelo Movimento Negro no século XX (DOMINGUES, 2007), sendo a educação formal um dos meios para que os/as negros/as obtivessem ascensão social. As possibilidades de ascensão social para os/as negros/as em uma sociedade marcada pela desigualdade racial são escassas, e entende-se que conseguir estabelecer uma rede de apoio e solidariedade de pessoas e instituições foi de fundamental importância para incentivar e conduzir o percurso desses professores.

Por fim, compreende-se que persistência histórica do racismo no Brasil produziu desigualdades entre os sujeitos socialmente classificados em categorias raciais. Desta forma, pesquisar negros/as na docência superior é indagar à academia e à sociedade brasileira por qual motivo há uma discrepância significativa entre a representatividade de docentes negros/as e docentes brancos/as na UFPel e em tantas outras universidades públicas do Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, Maria A.; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- CARVALHO, José Jorge de. **O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro**. Série Antropologia, Brasília: Universidade de Brasília 2006.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo online**, Niterói, v. 12, n. 23 p. 100-122, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141377042007000200007> . Acesso em: 12 set. 2019.
- GASKELL, George. (ed.) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- GIDDENS, Anthony; Philip W. SUTTON. 2016. **Conceitos Essenciais da Sociologia**. São Paulo, UNESP.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2017**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal.html> Acesso em: 30 nov. 2018.
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Políticas sociais: acompanhamento e análise. Brasília: Ipea. 2017. **(Boletim de Políticas Sociais)**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/ bps/bps.html>. Acesso em 30 nov. 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SELLTIZ, Jahoda Deutsch Cook et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1972.
- TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. Realizações Editora: São Paulo, 2011.